



FACULDADE CAL DE ARTES CÊNICAS

LUIS FERNANDO MORAES MEDEIROS

A Escola do Humor que pontua a sociedade:
A Escolinha do Professor Raimundo aprovada pelo povo

Rio de Janeiro

2015

LUIS FERNANDO MORAES MEDEIROS

A Escola do Humor que pontua a sociedade: A Escolinha do Professor

Raimundo aprovada pelo povo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade CAL de Artes Cênicas, como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Teatro.

Orientador: Prof. Dra.: Carolina Pucu

Rio de Janeiro

2015

“O humor pode ser tudo, até engraçado”.

Chico Anysio

AGRADECIMENTOS

A Deus por me manter, dar clareza e força.

A esta Instituição de Ensino que foi o palco de um belo e rico aprendizado em diversos níveis.

A todos os mestres por serem doadores de seu conhecimento técnico e de vida durante o curso.

Ao gênio e mestre Chico Anysio que por diversas vezes fez de forma póstuma que suas palavras sábias e belas me incentivassem.

A minha orientadora Dra. Carolina Pucu pelo imenso carinho, respeito, suporte, incentivo e disponibilidade de amparo ímpar para a realização deste trabalho.

Aos meus pais Luiz Carlos e Liâne e também à minha irmã Maria Luisa por acreditarem em mim e ter paciência, respeito e orgulho.

Aos amigos e colegas de profissão que de alguma forma fizeram parte direta ou indiretamente deste trabalho, mesmo que nos bastidores ou de forma breve ou mais presente. Em especial, ao amigo Daniel Marano.

A todos de forma geral que me dirigiram palavras de apoio e incentivo quanto à minha formação enquanto ator e bacharel em Teatro.

Resumo

Este trabalho visa fazer o estudo sobre a função social do humor no âmbito crítico e representativo da cultura e da sociedade brasileira. Investigando o programa humorístico “Escolinha do Professor Raimundo” e tendo como base conceitos sobre a arte da comédia e do humorismo até chegar na análise propriamente dita do programa em relação aos retratos humanos existentes em sua dramaturgia e no trabalho de construção de personagens dos atores. A análise direta do uso das funções do humor em junção com o tipo de dramaturgia da obra na observação e dissertação sobre cenas extraídas do programa original. Qual a particularidade do humor que se confunde com a denúncia social? Como se ergueu a Escolinha e por quê é um exemplo tão forte de comunicação com o público? Onde o programa humorístico se encontra com a caricatura dos tipos presentes na sociedade brasileira? O estudo é um convite para sentar-se na sala da Escolinha do Professor Raimundo e assistir uma aula sobre como o humor é capaz de denunciar, mudar, influenciar, provocar a reflexão e o reflexo de quem com ele ri.

Palavras chave: Comédia, Humor, Escolinha do Professor Raimundo, Chico Anysio, Televisão.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	06
2. A FUNÇÃO DA COMÉDIA E DO HUMOR NA SOCIEDADE	08
3. A ESCOLINHA DO PROFESSOR RAIMUNDO	10
3.1. O NASCIMENTO	10
3.2. INDEPENDÊNCIA E ASCENSÃO	11
3.3. BATEU O SINAL, FIM DE AULA E CHICO SE DESPEDE	12
3.4. HOMENAGEM AO MESTRE, 25 ANOS DE ESCOLINHA	13
4. A ESCOLINHA COMO CARICATURA DAS ESCOLAS	15
4.1. ERA UMA ESCOLA MUITO ENGRAÇADA	15
4.2. UM RAIOS X DA ESCOLINHA	16
4.3. NA AULA DE HOJE: A ESCOLINHA	17
4.4. CENA 1 - BONECO E PROFESSOR RAIMUNDO	18
4.5. CENA 2 - CELSO PIQUETE E PROFESSOR RAIMUNDO	21
4.6. CENA 3 - ROLANDO LERO E PROFESSOR RAIMUNDO	23
4.7. RAIMUNDO NONATO, O PROFESSOR.	27
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32
OUTRAS REFERÊNCIAS	32

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretende levantar a importância e função do humor dentro do âmbito das artes cênicas quando usado como instrumento de comunicação e articulação a fim de retratar, denunciar e até revolucionar questões da sociedade. Para tal aprofundamento, será usado como objeto de estudo o programa humorístico *Escolinha do Professor Raimundo*, comandado por Chico Anysio.

Tida como uma das atrações televisivas de humor mais populares e longevas da história brasileira ficou trinta e oito anos no ar e foi o único programa a fazer sucesso no rádio e evoluir para a televisão, onde ganhou espaço. Após ser um quadro que compunha os programas de Chico, ganhou um formato próprio e independente quando já na programação da TV Globo. Uma reunião de um time de humoristas de diferentes idades e formações em apenas um único ambiente e formato; uma divertida e atrevida dramaturgia repleta de piadas de duplo sentido inseridas em ensinamentos educacionais e éticos. O celeiro visto por anos como a iniciação de qualquer ator que se faz humorista e ainda como uma casa que abriga e dá emprego à quem há muito fazia o grande público sorrir.

Uma das principais características do humor é que ele tem a capacidade de derrubar barreiras entre pessoas e quebrar as convenções comuns de comunicação que nos são impostas. Ultrapassa a fronteira do usual, desarma e destrói censuras como a do pensamento de que “não devo”, “nunca faria” ou até “não existe”. Por esse ângulo, é um recurso libertador e por isso mesmo, confirma a possibilidade de maior identificação e aceitação entre as pessoas. Afinal, como afirma Bergson (1983) “não há comicidade fora daquilo que é propriamente humano”, ou seja, não poderíamos rir de algo que não tivesse semelhança com as características ou comportamentos humanos, algo que não se assemelhe ao meio que o homem vive. O que faz rir é justamente a atitude humana ou a forma que humanos deram à determinado objeto, situação ou comportamento dito padrão. De modo que o humor aproxima as pessoas inclusive por fazer com que se vejam, em geral, de maneira crítica naquilo que está sendo representado ou até sem perceberem, muitas vezes criticado. A Arte do Humor pode ser utilizada pelo humorista na contação de histórias tendo como base a plena formação do indivíduo crítico e pensante, capaz de interferir positivamente para a transformação do meio social em que está inserido.

O objetivo geral deste trabalho consiste em realizar um estudo sobre a "receita do sucesso" de um formato televisivo e dramático que fazia uma caricatura abrangente da realidade educacional brasileira a partir do uso do humor como crítica e denúncia. Como objetivo específico é desejado que este estudo sirva como contribuição para o estudo do humor e da elaboração de sua dramaturgia como uma ferramenta social de mudança e apontamento da realidade. E ainda investigar este uso socioeducativo do humor que fica um pouco esquecido na atual sociedade.

Há ainda tantas coisas para aprender dentro desta escola. Como ela cresceu? Que tipo de humor é esse? Como se dá a aceitação popular? Que estrutura particular e própria é essa que criou a possibilidade de um retrato inflamado da realidade tensa da educação no país se tornar um símbolo de alegria e adoração nacional?

“O humor é irmão da poesia, o humor é quem denuncia. Eu não tenho a possibilidade de consertar nada, mas eu tenho a obrigação de denunciar tudo. Essa é a obrigação maior de todo humorista.” (ANYSIO, 2011)

2. A FUNÇÃO DA COMÉDIA E DO HUMOR NA SOCIEDADE

O riso é fiel e quase involuntário companheiro de vida dos seres humanos ao longo de suas existências, seja na infância, quando o rir faz parte da fantasia e da liberdade de sentir o que é engraçado, seja na idade adulta, quando rir torna-se quase uma necessidade para afastar certo peso de nossa própria existência. Da mesma forma que se dá como fenômeno psicológico e físico, rir é também uma consequência da construção social de cada ser humano, na medida em que muitas vezes é fruto da observação do outro, de seus defeitos e do dito ridículo.

“O que é o riso?” a partir deste questionamento, Henri Bergson formula na obra *O Riso* (1983) um estudo considerável sobre o tema que poucas vezes foi tratado com tamanha fundamentação no raciocínio lógico e na observação do humano. Bergson fundamenta-se na comédia, na arte do palhaço, no dito picaresco, na farsa e no jogo de palavras para buscar compreender as formas de fabricação do riso e qual o fenômeno que acontece no ser social que ri.

É preciso considerar algumas observações sobre o cômico para compreender sua estrutura. Como já falamos na introdução, segundo Henri Bergson, “não há comicidade fora do que é propriamente humano”. Ou seja, riremos de algo ou alguém que tenha de alguma forma, seja estética ou psicológica, proximidade com a figura humana. Baseando-se em tal afirmação concluímos sobre a diferenciação do homem para outras espécies em sua relação com o humor e suas consequências em seu corpo e mente. Ainda de acordo com Bergson:

“Já se definiu o homem como “um animal que ri”. Poderia também ter sido definido como um animal que faz rir, pois se outro animal o conseguisse, ou algum objeto inanimado, seria por semelhança com o homem, pela característica impressa pelo homem ou pelo uso que o homem dele faz”. (BERGSON, 1983, p.12)

Para melhor compreensão da comicidade é preciso colocá-la no seu habitat natural, que é a sociedade, e determinar-lhe sua interação e função social. O cômico acontecerá quando pessoas de um determinado grupo dirijam sua atenção a determinado indivíduo do mesmo ou outro grupo excluindo a sensibilidade emocional da situação e exercendo apenas a inteligência prática sobre a mesma. Imaginemos uma pessoa que, diante de um grupo de amigos, deixa um sorvete derramar em sua blusa. As pessoas próximas a ela riem, não por ela ter vontade de derramar o sorvete, mas sim por tê-lo feito sem querer. O riso em questão caracteriza-se portanto pela mudança de atitude involuntária e não pensada e os

observadores devem se desprender de certa compaixão para observar e sentir o cômico.

Outra situação a ser analisada é o fatalismo da falta de cultura ou capacidade intelectual de outro ser. Esta por sua vez é eticamente mais complicada para análise pelo fato de esbarrar com conceitos da moral e bons costumes. A situação de observação da falta de conhecimento ou interesse pelo mesmo torna-se risível na medida em que o observador detém tal conhecimento e assim é capaz de observar a falta no outro e julgar ridícula a situação. Neste caso, precisaremos mais uma vez nos distanciar da sensibilidade emocional e entender a observação de forma distanciada, que permitirá o riso. Imaginemos então uma escola, nela um aluno chega recém transferido de outra escola e ao responder uma pergunta da professora sobre determinado assunto já estudado na semana anterior, o aluno responde de forma automática e cheia de certezas de forma errada e absurda. Todos os colegas em volta riem, alguns zombam dele e o mesmo tenta se corrigir com alguma desculpa ou se mantêm calado. Neste caso, o riso deu-se pelo fato de que o aluno respondeu como quem tem certeza a algo que todo o grupo entendia que estava errado ou por pura observação cruel dos colegas. Recorramos mais uma vez a Bergson:

“O maior inimigo do riso é a emoção. Isso não significa negar, por exemplo, que não se possa rir de alguém que nos inspire piedade, ou mesmo afeição: apenas, no caso, será preciso esquecer por alguns instantes essa afeição, ou emudecer essa piedade”. Bergson (1983, p.12)

A grande ideia do humor que queremos obter como objeto de entendimento é a de que indivíduos usam a função social do humor no momento em que alcançam clareza para compreender, através dos erros ou ridículos do outro, o ridículo de si. Eis que acontece então a autocrítica escondida nas cortinas do palco do humor, que de forma indireta ou direta contribui para a máquina social individual de cada um levando a um exercício de autoconhecimento.

O humor seria portanto um universo que abriga uma linguagem simbólica pois através dele o mundo exterior é símbolo de um mundo interior, segundo Fromm (1966), “permite a expressão do mundo interior de cada indivíduo, evoca o diálogo bitextual, bimagético entre o esperado (consciente) e o inesperado (inconsciente)”, provocando um confronto dialético rápido que aguça os sentidos, estimula o cérebro e revitaliza o homem como sujeito social.

3 . A ESCOLINHA DO PROFESSOR RAIMUNDO

3.1. O nascimento

Uma sala de aula, um professor aparentemente normal que reclama mas ama o que faz, dezenas de alunos extremamente diferentes uns dos outros. Esse poderia ser o retrato de qualquer sala de aula espalhada por alguma escola brasileira, se não fossem as piadas e os personagens marcantes e históricos impressos no quadro da cultura brasileira. A Escolinha do Professor Raimundo divertiu, criticou, denunciou, criou, revolucionou e ao contrário do que muitos pensam, também educou algumas gerações brasileiras, alcançando diferentes tipos de público e causando o frenesi do riso em seus telespectadores e até mesmo nos próprios integrantes do humorístico.

A atração foi um programa de humor lançado ao estrelato na Rede Globo de Televisão em 1990 comandado pelo humorista Chico Anysio no papel do Professor Raimundo, figura que virou símbolo nacional. O programa ficou mais de 38 anos no ar, sendo exibido em diversas faixas de horários e como parte de outros programas e posteriormente em versão solo. Além de Chico Anysio, a escolinha chegou a ter mais 48 atores na sala de aula.

Antes de fazer sucesso na Televisão, a Escolinha já existia no rádio. Chico comandava a versão radiofônica da Escolinha a partir de uma criação conjunta com Haroldo Barbosa e em 12 de maio de 1952 lançaram o formato na rádio Mayrink Veiga. O quadro consistia de uma sala de aula onde o Professor Raimundo Nonato (Chico Anysio) servia como “escada”¹ para as piadas de três alunos: o sabido, interpretado por Afrânio Rodrigues; o burro, papel de João Fernandes; e o esperto, Zé Trindade. Pouco depois, eles ganhariam a companhia de um mineiro desconfiado, Antônio Carlos Pires.

Mediante ao sucesso do programa no rádio, ganhou sua versão televisiva em 1957, sendo exibido no programa Noites Cariocas, da extinta TV Rio. Os três tipos de alunos existentes no formato eram: o aluno inteligente, agora interpretado por João Loredó; seu oposito por Castrinho; Vagareza, que era o malandro e tentava enganar e se safar das perguntas do professor; e Ary Leite, um aluno gago e

¹ O termo “escada” é usado para definir, dentro de uma estrutura dramática de humor ou comédia, aquele que prepara a piada para um outro ator fazê-la, serve como um complemento, muitas vezes um condutor ou objeto de ligação da graça propriamente dita.

confuso. A Escolinha passou ainda pelas também extintas TVs Excelsior e Tupi, até chegar à Rede Globo, onde primeiramente foi exibida como parte dos programas de Chico, sendo eles Chico City (1973), em seu formato de três alunos e professor, e Chico Anysio Show (1988), agora já com uma sala de aula maior, com 20 alunos.

“no auge da novela Pantanal, quando ela ganhava de todos no ibope, ao começar o programa Chico Anysio Show ela perdia para o quadro de 6 minutos do Professor Raimundo. Então eu disse pro Boni que iria aumentar a escolinha para 15 minutos. Continuou ganhando então passei para 18 e assim continuou ganhando. Isso ai mostrou que ele poderia ser um programa independente. Alias, uma pessoa independente”. (ANYSIO, 2005)

3.2. Independência e Ascensão

Partiu do próprio Chico a ideia de transformar a Escolinha num programa independente, baseando-se no sucesso e na aceitação dos personagens e também na consolidação do próprio Professor Raimundo. Com o aval do amigo José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, na época diretor geral de conteúdo da Rede Globo, a Escolinha estreou na programação da emissora em 4 de agosto de 1990. Com direção de Cassiano Filho, Paulo Ghelli e Cininha de Paula o programa ia ao ar aos sábados, às 21h30 da noite. Estreou com vinte alunos, e a partir de 29 de outubro do mesmo ano, com a adição de mais três alunos em sala, passou a ser exibido de segunda à sexta-feira, às 17h30 da tarde.

“O professor Raimundo é uma pessoa. Ele é independente de mim. Eu faço há 41 anos o professor Raimundo. Eu acho ele muito bom, gosto muito dele. Na Escolinha eu sou escada de todos ali, faço a preparação para que eles façam a graça”. (ANYSIO, 1993)

Espelhando o sucesso e a firme posição no ibope, no dia 11 de junho de 1992 foi ao ar o programa de número 500. Mediante uma reformulação da programação do canal, a Escolinha parou de ser exibida aos sábados, logo após transitou para as noites de quarta-feira, mas depois de um tempo a mudança foi desfeita. Nesse momento o elenco contava com 38 atores, entre alunos e personagens de apoio.

Seguindo no ar em 1995 o programa transitou diversas vezes em diferentes faixas de horário entre às quartas, sábados e até no domingo, já um reflexo da queda inevitável de audiência. A queda deveu-se talvez à superexposição do formato, exibido seis vezes por semana durante cinco anos ininterruptos. Como as mudanças de horário não deram o resultado esperado pelas exigências dos números de ibope feitas pela emissora, a Escolinha saiu do ar em maio de 1995 para dar lugar à novela *Malhação*.

Em 1999, Anysio levou a Escolinha pelos teatros do Brasil mostrando mais uma vez a aposta na aceitação do público. Sua turnê teve o pontapé inicial dado em 8 de outubro de forma gratuita no Shopping Grande Rio, em São João de Meriti, na Baixada Fluminense. No mesmo ano o programa voltou a ser exibido na Rede Globo aos sábados na faixa da noite, agora como quadro do programa humorístico *Zorra Total*, permanecendo no ar até outubro de 2000.

3.3. Bateu o sinal, fim de aula e Chico se despede.

Após enfrentar problemas de saúde, Chico foi aconselhado pelo médico a reduzir a carga de gravações do programa. Uma última temporada da Escolinha, novamente como programa solo e com 25 minutos de duração, foi exibida de segunda a sexta-feira entre março e dezembro de 2001.

Após o fim da última temporada, Chico afastou-se do Brasil e ficou morando nos Estados Unidos. Cerca de dois anos depois ele voltaria ao seu país e à convite da Rede Globo voltou ao ar no humorístico “*Zorra Total*” porém desta vez como um quadro do programa em que representava em pequenas esquetes seus personagens clássicos. Após ser internado em 2010 com problemas respiratórios, Anysio passou por idas e vindas do hospital para casa, continuou trabalhando em 2011 num período de melhor do estado de saúde, porém em 2012 uma infecção respiratória fez o humorista retornar ao hospital. No mesmo ano, no dia 23 de março de 2012 Chico Anysio faleceu aos 80 anos no Hospital Samaritano no Rio de Janeiro por falência múltipla dos órgãos.

3.4. Homenagem ao mestre, 25 anos de Escolinha

Em 2015 a Rede Globo lançou através de seu canal na TV fechada, o Viva, um remake da Escolinha através de um especial. O projeto foi levado adiante e a emissora resolveu lançar em seu canal principal, de TV aberta, uma edição repaginada e comemorativa do humorístico. No canal Viva foram lançados 5 episódios no fim de Novembro e na Globo foram reprisados os 5 já televisionados e mais 2 episódios inéditos.

Na versão moderna, a estrutura do programa foi fielmente mantida e o teor das piadas e cenas se encaixou num tom semelhante ao programa original, porém adequando-se aos tempos atuais com piadas que incluem redes sociais e sites de relacionamentos. Os personagens foram todos mantidos em especial os clássicos e mais queridos do público, porém agora feitos por atores comediantes da nova geração brasileira. O destaque e cabeça do projeto foi o ator Bruno Mazzeo, filho do falecido Chico Anysio. Mazzeo recebeu diversos elogios e comentários positivos inclusive relacionados a imensa semelhança com o pai no papel do Professor Raimundo. Já a direção ficou mais uma vez por conta da diretora Cininha de Paula, e a redação por conta de um novo time, mas que se espelhou na história para criar as novas tiradas humorísticas.

Curiosamente, as piadas e as conversas entre o professor e os alunos seguem uma linha muito próxima ao tipo de humor usado nos tempos áureos do programa. A ideia do humor ser renovável e sempre ligado à presente realidade do público para quem se dirige é forte, porém esta versão da Escolinha se depara obviamente com o fato de ter a função de homenagear os 25 anos da série original, portanto foi escolhido manter-se a construção do humor e até uma grande proximidade da construção de personagens por parte dos atores, no que diz respeito à atuação e aos famosos bordões e gestuais característicos. "Nós todos somos anysianos, somos raimundianos. Esse homem garimpou esses personagens no povo brasileiro" (CARUSO, 2015)

Como cita Caruso, os personagens de Chico Anysio retratam tipos facilmente encontrados no povo brasileiro. A maioria conversa diretamente com um nicho social ou cultural muito apurado e exacerbado por meio das artimanhas de criação do humor que tornam o humano risível. A encarnação de figuras representativas do

povo e da realidade se mantem presente no professor Raimundo e na Escolinha geral, inclusive nos outros personagens. A junção do tipo de trabalho primoroso e de observação do humano do humorista com o objetivo de exacerbação do real e da crítica ridicularizada do mesmo leva a Escolinha a ser um campo minado de descobertas de padrões comportamentais genialmente interpretados

Essa observação sobre o tipo de trabalho feito na Escolinha nos leva a pensar então o humorístico com uma realidade mais próxima do que o perceptível a uma primeira olhada, a Escolinha e seus personagens são meio e mensagem para que o publico se enxergue nele mesmo e ria de si.

4. A ESCOLINHA COMO CARICATURA DAS ESCOLAS

4.1. Era uma Escola muito engraçada

Imaginemos uma sala de aula. Você está entrando nela, senta-se na primeira cadeira ao canto direito e observa. Durante a aula, o professor faz perguntas ora difíceis, ora óbvias aos alunos. Os mesmos vivem diversos momentos de dúvida, certeza, alegria, excitação e são duramente repreendidos. São avaliados e julgados, recebem notas de zero a dez, uns almejando sempre a nota máxima e outros pouco se importam. Provavelmente ao ler esta pequena descrição, seja você um doutor ou um ainda estudante, se encaixou e visualizou alguma parte dela em sua memória, cruzou com algum pedaço da sua vida, se encaixou em algum padrão. Poderíamos estar falando da vida de qualquer pessoa que já teve a oportunidade de viver num ambiente estudantil de qualquer tipo, mas estamos falando ainda do humorístico comandado por Chico Anysio, ou melhor, pelo Professor Raimundo. Não estamos tratando da memória de ninguém em particular, porém da realidade nua e crua da Escolinha do Professor Raimundo e a idéia é que nos coloquemos sentados em uma das cadeiras da sala e não na frente da TV.

O ato de apreciar a arte da comédia, sobretudo na televisão torna-se quase sempre uma atitude contemplativa e de rápido consumo e digestão. Como já dito, o objeto de estudo em questão é um notório programa humorístico televisionado em rede nacional e que em seu auge esteve no ar durante cinco dias na semana. Ou seja, houve tempo suficiente para que as situações penetrassem em nas memórias dos telespectadores e para que quem assistiu se tornasse íntimo dos personagens. O objetivo é que observemos agora as mesmas situações e personagens a partir de um outro ângulo. Destrinchar o humor tirando dele sua capa do conforto da alegria e prestando atenção à sua genialidade enquanto obra de retrato da cultura comportamental brasileira. Sobre a linha tênue entre a caricatura da realidade no humor, Roberto Ramos aponta:

“Uma situação de realidade cotidiana e de conhecimento real é retratada com um certo exagero, que, por sua vez, não pode ser exagerado demais, pois perderia o contato com esta mesma realidade e se tornaria ridículo, perdendo a graça”.
(RIBEIRO, 1992, p. 1)

4.2. Um raio X da Escolinha

A Escola comandada por Anysio possui todo o aparelho arquitetônico e físico de uma sala de aula convencional, ao menos em tese. Apresenta um quadro-negro, mas de pouquíssima utilização e quando feita muitas vezes de forma duvidosa. Não há sinal de livros e cadernos sendo preenchidos em cima das mesas dos alunos. As perguntas e temas são de forma geral contidos num globo eclético de áreas do conhecimento formal.

O primeiro fato interessante a observar uma vez contemplando a estrutura do programa de forma diferenciada é o de que o professor Raimundo ocupa uma posição curiosa diante da real função que deveria exercer. Atuando na mesma classificação hierárquica que cabe aos professores da vida real, o personagem criado e interpretado por Chico Anysio nunca ensina nada a seus alunos, ou quando o faz, faz pela metade. Outro fato curioso do personagem é que ele simplesmente cobra antes de ensinar. É notável também por parte ainda do mestre, o tipo de avaliação a que são submetidos os alunos: a memorização do conhecimentos em sua maioria inúteis para o real aprendizado e formação dos alunos. Há ainda o lado pessoal de Raimundo que fica evidente e sobrepõe a figura que deveria ser democrática. Quando, por exemplo, uma operação matemática das mais simples é exigida a algum aluno, a resposta errada é aceita por vezes quando fica visível o um interesse sensual do professor.

O que seria de uma aula sem alunos? Pois bem, cabe a estes os perfis mais variados e curiosamente avaliáveis e dissecáveis deste estudo. A pluralidade dos personagens cria um contraponto com o fato de todos estarem ali inseridos no mesmo papel hierárquico de submetidos às ordens e questões de um professor. No caso do fazer humorístico, os perfis e personas são extremamente exacerbados traçando quase sempre uma linha bem definida de onde se encaixam os mesmo em definições clássicas comportamentais e sociais. Há representações claras de tipos próximos ao dia a dia do cidadão brasileiro e ainda outros usados como uma espécie de mascara para caricaturar a verdadeira significação que tem. Desde a menina precocemente sexualizada, passando pelo rapaz pobre carioca, ainda passando por um contador de historias fantasiosas e tendo até a presença de um dito "sabe tudo".

Como citado, a Escolinha reuniu em sua história mais de 48 personagens como alunos no seu portifolio, portanto temos uma variedade imensa de tipos e

criações neste leque. Contudo, visto que o objeto deste estudo é a relação da existência e criação cômica de um personagem ou situação com o meio social real brasileiro, teremos como foco três personagens. Dentro da estrutura da dramaturgia e interpretação utilizadas no programa original, serão observados em prioridade alguns itens, tais como:

- A nomenclatura utilizada para definir os personagens
- Seus bordões (frases e expressões)
- Devidos estereótipos reconhecidos em espelho com a sociedade
- Representação de signos e símbolos dentro da construção dos personagens

4.3. Na aula de hoje: A Escolinha

Usaremos três cenas do programa para elucidar a análise dos termos desejados. Nelas, constam os personagens “Professor Raimundo” (Chico Anysio), “Boneco” (Lug de Paula), “Celso Piquete” (Antonio Pedro), “Rolando Lero” (Rogério Cardoso) e “Ptolomeu” (Nizo Neto). As cenas foram extraídas diretamente do KIT de DVDs comemorativos da Escolinha lançado pelas organizações Globo.

O objetivo da análise de cada cena é abrir o leque de visão perante as histórias presentes na escolinha, a forma como o humor é tratada, além de entender o universo da tipologia dos personagens escolhidos. Ainda sobre sua criação de personagens e de dramaturgia, Chico Anysio cita:

“Na minha vida eu freqüentei todo o tipo de lugar. Observei as pessoas, vivi com elas. Eu sou um autor, autor de personagens. Esse tipo de pessoa tem que ter vivido. Não há possibilidade de uma pessoa escrever sobre um baile de Rainha sem nunca ter ido a um” (ANYSIO, 2008)

4.4. CENA 1 - Boneco e Professor Raimundo

O personagem “Boneco” vivido pelo ator Lug de Paula e o Professor Raimundo dividem uma cena levada ao ar no ano de 1991:

Raimundo - Seu Boneco...

Boneco – Ligadão na quebrada chefia, mas que hora que é a merenda?

R – A merenda não demora muito, basta o senhor me responder o que quer dizer “Leitura”.

B – Essa mole, “isclusive” eu vou responder “discosta”. (vira-se para a turma) “Crasse”, a Leitura é um banquete regado a muito leite, queijo, coalhada, iogurte... (vira-se para o professor) Chefia, só de falar nessa leitação toda eu já fico com a boca cheia d’água, é capaz de dar uma inundação.

R – Cuidado se não o senhor vai ter que sair daqui remando pra pegar sua nota...

B – Então eu vou pra galera remando (ri e anda até a câmera)

R – Espera um minuto seu Boneco, me diga uma coisa, eu andei ouvindo por ai que o senhor presenteou sua mulher bastante ultimamente... O que houve, o senhor acertou no bicho²?

B – Acertei chefia. Mas é o seguinte, é que nem diz a Zélia, uma mixaria né... Mas deixa eu explicar “discosta” (vira-se para a turma). “Crasse”, é o seguinte, eu andei presenteando a minha patroa assim um vez semana todo mês né? Então na primeira semana ela falou assim “Bonequinho eu quero uns óculos”, e ai eu fui no camelô e comprei uns óculos lá e dei pra ela. Ela me deu dois beijinhos assim em cada olho. Na semana seguinte ela falou assim “Bonequinho eu queria ganhar mesmo era um relógio daqueles bonito”, eu fui ali na praça de Caxias nego deu mole eu levei o relógio e dei a ela. Ela me deu dois beijinho, um em cada pulso. Ai na outra semana ela falou “Boneco, o que eu queria mesmo era um tênis daqueles moderno” ai eu fui num brechó lá perto de casa e comprei um no brechó pra ela. Ai

² “Bicho” se refere ao famoso jogo popular que se trata de uma bolsa ilegal de apostas em numeros que representam animais.

ela veio e me deu dois beijinho um em cada pé. Na quarta semana eu se recusei a dar o presente pra ela...

R – Pera pera pera pera pera ai... Recusou por que?

B – É porque ela queria ganhar um biquíni de fio dental, já imaginou onde ela ia dar beijinho?

R – Olhe, eu vou lhe dar uma nota 7 pelo seu esforço...

B – “Aí eu vou pra galera”

Segundo o dicionário Michaelis, a palavra “Boneco” é definida primordialmente por Figura de rapaz ou homem e serve de brinquedo. O senso comum atribui ao nome ainda a ideia de “bobo”, “manipulado”, “montado”. A indumentária do personagem é composta por roupas largas, uma meia na cabeça servindo como touca, suas roupas ainda são sujas de forma a marcar o desgaste e o pouco cuidado e vaidade do rapaz, nos pés um chinelo, calçado pouco comum na ideia tradicional de um ambiente escolar.

No que diz respeito ao corpo e à expressão física, o personagem é desajeitado e tem um jeito característico de andar que denota uma certa infantilidade e falta de profundidade e seriedade. Assemelha-se a uma espécie de bobo da corte, e ao andar de encontro as câmeras soltando um de seus famosos bordões “Aí, eu vou pra galera” lembra bastante um brinquedo de criança. Sua barriga avantajada pode denotar duas características: talvez seja por motivos de desleixo físico e falta de consciência corporal, despreocupação com a saúde.

Em termos comportamentais, Boneco simboliza o estereotipo do dito favelado, figura comum no Rio de Janeiro. O personagem diz ser natural de São João de Meriti, município da baixada fluminense. A região é retrato de uma realidade pobre, cercada pelo tráfico e falta de atenção das autoridades, assim como problemas de saneamento básico e conseqüentemente: educação. A falta de instrução do rapaz fica evidente no seu vocabulário contendo diversos erros de concordância e ortográficos, o mais interessante é que nenhum deles é nunca corrigido pelo professor.

Como bordão o personagem carrega o famoso “Aí eu vou pra galera”. Mais uma vez reafirmando o seu estereótipo, o termo “galera” refere-se diretamente aos

torcedores de futebol dos estádios, compostos em sua massa por pessoas de origem da classe média ou humilde. O ator de ir para a “galera” seria a mesma ação feita pelos jogadores ao marcarem um gol, no caso Boneco utiliza quando recebe um dez, um elogio do professor ou quando sente-se em posição favorecida.

O uso de gírias é também muito presente no personagem, o que o torna próximo de certa ideia de pessoa comum ao dia a dia nas ruas de uma cidade como o Rio de Janeiro, fazendo com que quem o assiste enxergue diariamente pelas ruas um “Seu Boneco” em várias pessoas. As palavras “Chefia”, “Quebrada” e “Ligadão” são alguns exemplos dessas gírias.

Sobre a conversa entre o professor e o aluno há inúmeros pontos educacionais a serem observados. Primeiramente, o professor não corrige o erro do aluno quanto a proferir sua ideia de significado para a palavra “leitura”. Leitura portanto é uma palavra que significa o ato de ler e pode denotar também o hábito, que por sua vez se fosse exercido pelo aluno, talvez ajudasse em seu desempenho e melhorasse seu vocabulário. A segunda parte da conversa torna-se absurda quando o próprio professor levanta ao aluno o assunto do jogo do bicho, que é um jogo de azar proibido e comandado durante décadas por ditos criminosos pelas ruas da cidade. Há ainda o fato de que o professor adentra na vida pessoal do aluno questionando suas atitudes que em nada influenciariam na sua postura como professor.

Durante o discurso do aluno ao explicar seus presentes para a esposa em frente a turma, ele fala sobre um relógio que ele “levou” depois de alguém dar mole em uma praça. Encontramos então mais um estereótipo presente na figura do personagem: o de criminoso, ladrão. É inevitável a ligação da visual e compreendida pobreza do personagem com a imagem de ele assaltar alguém para dar um presente.

Ao passar rapidamente pelo erro quanto a pergunta feita pelo professor e mais rapidamente ainda pelas atividades ilícitas de Boneco, a cena transcorre dando foco na graça da imagem bem construída e risível do personagem. Boneco tem um ar carismático ao passo que é quase infantil na maneira de seu discurso proferir e nas suas intenções. Por mais que use gíria, demonstra certo respeito ao professor, o que o coloca em sua correta posição hierárquica quanto aluno. Assim permanecem as faces sociais problemáticas e obscuras por trás da máscara do riso provocado pelo rapaz em quem o escuta.

4.5. CENA 2 - Celso Piquete e Professor Raimundo

O personagem “Celso Piquete” vivido por Antônio Pedro responde a uma pergunta do Professor Raimundo na cena levada ao ar em 1992:

Raimundo – Celso Piquete!

Piquete – A luta continua companheiro (a fala é seguida de repetições da mesma pelos companheiros de classe e gestos de apoio) só estou porque não estou em greve

R – É o seguinte, o senhor que é operário me diga o seguinte: Em quanto tempo fica pronto um automóvel numa linha de produção

P – Bom, companheiro, ai depende né? Se o patrão não pagar os 147% de reajuste e o abono ai fica tudo parado e não funciona nada e não sai carro em lugar nenhum

R – Pera ai, o senhor é um agitador seu Piquete!

P – O que que é isso companheiro? Nós precisamos resgatar aqui a verdade dos fatos. É o seguinte, isso tudo é apenas uma maracutaia de uma grande empresa com a oligarquia, eu não sou um agitador, eu sou um sindicalista companheiros! Quando eu acho ruim eu faço greve!

R – Ah é?

P – É! Vamo La! A turma unida jamais será vencida (fala agora num megafone) A turma unida jamais será vencida!

R – Que isso, que isso... Bom, eu sou obrigado a lhe dar uma nota muito baixa aqui.

P – Por que?

R – Olha eu não quero abusar do meu poder... Mas eu tenho este poder! A caneta esta na minha mão. Eu vou lhe dar um 4!

P – Não dá pra negociar né?

R – Não senhor

P – Pois bem então (volta a falar no megafone) O povo unido jamais será vencido, a luta continua companheiros, a luta continua!

O nome “Celso” vem do latim e significa “sublime, elevado”. Já o termo “Piquete”, usado como sobrenome do personagem, é segundo o dicionário Michaelis a nomenclatura que se dá ao grupo de pessoas que se coloca na entrada de fabricas ou empresas em greve para impedir a entrada de outras. Neste caso, a caracterização do personagem chama atenção para um tipo bem marcante e exacerbado do que seria um operário. Ele usa uma espécie de macacão característico de uso em fábricas com alguns escritos relacionados a ideias revolucionárias, luvas de proteção e um capacete de operário. Além disso o personagem possui um objeto do qual faz uso em diversos momentos, um megafone que muitas vezes é usado para colocá-lo em posição de liderança.

Essa liderança se confirma na atitude corporal e de discurso verbal do personagem. Celso esta sempre altivo em tom de líder ao proferir suas respostas ao professor que vem sempre em tom de reivindicação. Seus gestos fortes e sempre pra cima marcam diversos momentos em que ele chama a atenção dos colegas de classe como quem os recrutasse para se rebelar junto dele.

Piquete tem ainda outra característica importante a ser observado no âmbito da relação com a imagem da sociedade a ser retratada ali. Ele é o estereótipo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que foi líder sindical dos metalúrgicos no estado de São Paulo. Lula, tem uma forte imagem de líder sindical e foi a partir desse mérito que fez boa parte de seu eleitorado e carrega política nos primórdios. Entre as semelhanças da interpretação dada pelo ator e da construção da persona, podemos destacar a voz rouca e parecida com a de Lula, usa barba e em seu discurso são usados diversos clichês presentes na imagem do político. Entre esses clichês, estão os bordões “o povo unido jamais será vencido” (“povo” em algumas situações é substituído por “classe” ao referir-se à classe de alunos), também a frase “a luta continua” e a palavra “companheiro”, sendo esta ultima facilmente ligada ao ex-presidente da República.

A construção do personagem, seu discurso e seus ideais facilmente o colocam numa imagem positiva, superior e heróica diante dos colegas e de que o assiste. Há porém, presente na fala e nas atitudes de Piquete fortes traços que causam uma controversa e que embasam à critica feita a este tipo de estereótipo da classe trabalhadora brasileira. Na cena destacada acima, o Professor Raimundo chega a pedir desculpas por talvez abusar de seu poder, coisa que seria facilmente

identificada como recorrente reivindicação de greves e acordos trabalhistas entre empregados e patrões. É importante que observemos entretanto que o próprio Celso dá indícios de uma possibilidade do abuso de seu poder e principalmente da situação de greve. Celso cita números absurdos de reajustes e de forma sempre imperativa e talvez um pouco agressiva em alguns momentos.

A principal fonte da crítica presente no trabalho dramaturgico em questão na cena e também na criação do ator é o fato do uso exagerado e sem limites da greve. Fica evidente que o personagem faria greve por tudo que não estiver satisfeito, sem possibilidade de diálogo talvez. Aliás, diálogo esse que ele cobra do professor antes de receber sua nota e escuta uma resposta negativa daquele que em tal momento ocupa a maior posição hierárquica do jogo de poder, fazendo um simbolismo com o que seria o patrão dele.

O humor utilizado para comunicar e levar graça ao público é notório na medida do exagero das atitudes e do assunto “greve” na cena. Celso se torna uma figura patética e apenas visto como “agitador” assim como define Raimundo. É válido destacar também que tanto nessa quanto em outras cenas ao longo dos programas o personagem nunca consegue convencer o professor com seus argumentos e acaba sempre voltando à cadeira sem aquilo que gostaria de conseguir. Encaixa-se perfeitamente então o bordão “a luta continua”.

4.6. CENA 3 - Rolando Lero e Professor Raimundo

Na cena estão presentes os personagens Rolando Lero interpretado por Rogério Cardoso, o professor Raimundo e uma breve participação do personagem Ptolomeu feito pelo ator Nizo Neto, a cena foi ao ar em 1992:

Raimundo – Seu Rolando Lero

Lero – Amado mestre, adormecida se encontrava dentro em mim acalentada a esperança de que me chamasse e de repente o bondoso amantíssimo chama-me e oh! Suprema ventura! Tudo em mim despertou!

R – Mas será que despertou tudo mesmo?

L – Se o venerando instrutor quiser verificar é só se aproximar

R – Não, estava me referindo ao contrario, ao lado oposto

L – O lado oposto é sempre uma incognita

R – Pois é essa incógnita que aterroriza a classe! Enfim, Seu Rolando, como se deu a queda de Getulio Vargas?

L – O Getulinho caiu? Meu Deus, caiu onde?

R – No Palácio do Catete

L – Ah sim... Bem, espero que ele tenha se recuperado desse tombo!

R – Que tombo?

L – O tombo do Getulinho. Alias é engraçado isso, ele sempre caia. Toda vez que nós fazíamos o nosso cooper matinal, varias e varias vezes eu tive a oportunidade de levantar Getulinho depois dos seus tombos. Ah, eu espero que desta vez... Não sei, mas me parece que a coisa foi mais grave. Foi?

R – O senhor fazia cooper com Getulio Vargas?

L – Sim, sim

R – Na rua Paissandu?

L – Isso, ali...

R – Então, eu vou lhe avisar que o seu companheiro de cooper, morreu.

L – morreu? (Rolando cai em cima dos colegas como num desmaio súbito)

R – O grande perigo é esse movimento brusco depois do almoço

L – Perdão mestre, mas a emoção foi muito grande

R – Eu imagino, imagino...

L – Perdi meu companheiro de cooper, meu deus, eu não sabia que o tombo tinha sido tão feito dessa vez! Fatidico tombo!

R – Ele não morreu do tombo. Getulio morreu de um tiro no coração.

L – NÃO! (Novamente Rolando cai em cima dos colegas como se tivesse desmaiado, os colegas o levantam) É muita tragédia pra um dia só. Eu acabava de me recuperar da noticia de que ele havia levado um tombo e agora o senhor me fala assim que ele levou um tiro no coração? Onde esta o meu lenço?

R – Getulio Vargas, suicidou-se em agosto de 1954

L – Uma coisa eu vou dizer ao senhor... Eu não agüento uma coisa dessas, é muita tragédia num dia só, meu pobre coração não suporta. Por causa de um tombinho a toa aconteceu tudo isso? Tem coisa atrás disso, tem coisa atrás disso! Amado mestre não faça mistérios (chora) Como se deu a queda de Getúlio?

R – Eu não devia mas vou lhe ajudar. Vou lhe ajudar mais do que esse lenço lhe ajuda! Eu vou lhe ajudar. A queda de Getulio se deu quando “tró...”

L – “Tró”? Captei! Captei a vossa mensagem sabiente guru. A queda de Getulio se deu quando ele “trópeçou” e caiu infelizmente

R – Seu Ptolomeu me acuda

L – No dia 29 de Outubro de 45 tropas do exercito cercaram a sede do governo que era o Palácio do Catete obrigando Getulio Vargas a renunciar. Isto era o fim do estado novo.

R – Nota 10 seu Ptolomeu. Queria ter um filho assim, charmoso, vaselinado, corajoso, entrépido. Seu Rolando Lero, nota 0!

Rolando é definido pelo dicionário Michaelis como o gerúndio do verbo Rolar que significa girando ou movendo-se sobre si mesmo. Já a palavra “Lero” é uma gíria popular que se refere à uma conversa prolixa, que se arrasta e em geral tem pouco conteúdo e profundidade ou até veracidade. Rolando geralmente se caracteriza por uma espécie de auto celebração. Ele é extremamente narcisista e egocêntrico ao tentar usar sempre palavras que o coloquem numa posição de destaque e impressionem, porém seu discurso tem sempre pouco conteúdo, sentido e torna-se muitas vezes tão absurdo que é impossível acreditar.

Lero é um homem de meia idade, baixo, que se movimenta e gesticula com um certo ar de galã de um filme americano clássico. Sempre bem vestido, possui ainda um fiel lenço que carrega no bolso e usa diversas vezes para fazer charme e firulas enquanto conta suas histórias. Em tom sempre dramático, romântico e grandioso o vocabulário do personagem se mostra por vezes extremamente rebuscado e poético, conversando com seu estilo de indumentária. Entretanto, a fala muitas vezes é exagerada a tal ponto em sua sofisticação que Rolando inventa diversas palavras que não existem, usando algumas vezes da figura de linguagem hipérbole, um recurso linguístico que tem como característica o exagero.

Com todos os gestos, atitudes e ações de Rolando podemos compará-lo a um mágico de festa infantil. Ele mexe tanto as mãos, carrega as expressões faciais e derrama charme em suas falas que muitas vezes lembram algum poema antes já escutado que quase não notados os absurdos da falta de verdade e acerto acadêmico das respostas por ele proferidas ao professor.

Rolando talvez seja um dos personagens mais interessantes, ricos e, digamos, complexo analisado neste trabalho. Ele personifica de forma bela, harmoniosa e elegante uma figura muito trabalhada por sociólogos e muito discutida internacionalmente no que se trata da sociedade brasileiro. Na persona de Lero, podemos identificar facilmente o famoso “jeitinho brasileiro”. Esse jeitinho é visto como uma forma dos brasileiros lidarem com as situações de problema ou de questões inusitadas em seu dia a dia. Seria porém uma forma de quebra galho para solucionar rapidamente e de forma complicada o problema, que na maioria das vezes não corta o mal pela raiz, mas apenas é uma forma de encontrar outra saída. É exatamente o que Rolando faz, ele usa de seu charme e seu vocabulário aparentemente culto e erudito para tentar disfarçar o fato de que na verdade nada sabe sobre qualquer assunto levantado em aula.

Em todos os assuntos que o professor tenta colocar para o aluno, ele se insere de forma pessoal, muitas vezes se colocando como ser atuante e participante de algum momento da história ou amigo e conhecido da pessoa em questão, como faz com Getulio Vargas na cena acima destacada. Sua mente fantasiosa é quase infantil e lúdica, sempre criando como objetivo principal de seu discurso um drama em volta da pergunta que faz Raimundo, ou seja, ele visa tocar sentimentalmente o professor e os colegas para que seja disfarçado sua falta de saber. Em suas palavras carinhosas ditas ao mestre ele não visa porém homenageá-lo e mostrar respeito, mas sim obter algum tipo de vantagem emocional.

Este tipo talvez seja um dos mais frequentes nas escolas tradicionais e também no dia a dia em sociedade. Rolando disfarça o não saber a todo momento e a todo custo. A presença do personagem Ptolomeu na cena é de interessante ponto de atenção, pois ele funciona como uma espécie de equilíbrio a todo momento para os colegas, ele seria o “sabe-tudo” da turma. O curioso é que isso demonstra certo desequilíbrio no ensinamento ali proposto, já que na turma o a maioria usa apenas sua personalidade como máscara principal, excluindo o fato de serem alunos. Já

Ptolomeu não, ele funciona como o aluno exemplar, inclusive desejado como filho pelo Professor e assim evidenciando a preferência do mestre.

No que diz respeito aos bordões utilizados pelo personagem, podemos citar três: “Amado Mestre”, “Captei a vossa mensagem” e um terceiro “O quê?”. O primeiro deles se refere diretamente a uma tentativa de ganhar a confiança e a simpatia do professor e fazer o mesmo entrar no seu jogo fantasioso. O segundo vem sempre depois de um já cometido erro e é seguido também de uma dica do professor, é quase como se ele dissesse que já sabia do que estava sendo falado, coisa que nunca acontece. O terceiro vem acompanhado de certa carga dramática na interpretação para assim tirar o foco do fato de não ter respondido absolutamente nada que fora perguntado a ele, pelo contrario, Rolando sempre rebate a pergunta de volta para o professor, mostrando estar profundamente abalada e sem condições de responder a mesma.

Seu charme, porém, funciona. Rolando é tido pelo público como aquele malandro amigo, camarada que não faz mal a ninguém, mas que no fundo todos sabem que não tem conteúdo. Torna-se uma figura que abriga certa controvérsia instigante em si. Um homem que veste-se tão bem conta as histórias mais fantasiosas possíveis e ao mesmo tempo que balança um lenço como uma estrela de cinema tenta disfarçar sua pouca bagagem de aprendizado.

4.7. Raimundo Nonato, o Professor.

Em todas as três cenas analisadas existe a presença do Professor Raimundo em sua atuação como mestre, orientador e regente dos acontecimentos. O professor é talvez o personagem que aparente ser o mais lúcido e real entre os existentes. É interessante que seja feito desta maneira para manter o respeito e a posição notória de autoridade que um professor tem normalmente em sala de aula. Porém sendo tão humano, Raimundo tem seus deslizes e defeitos.

Muitas vezes o Professor beira o limite da ética, transformando-se em cúmplice de certos alunos ou debochando de outros. Demonstra ter certa preferência por alguns alunos e inclusive interesse sexual em outros. Raimundo está sempre cansado. Chico Anyisio por diversas vezes se diverte em cena, mas o

professor demonstra cansaço e conformismo por ter que fazer as perguntas aos alunos e já saber o tipo de resposta que vai receber.

A intimidade entre professor e alunos impera no ambiente. Raimundo já conhece as características de cada um deles, comenta sobre suas vidas, suas famílias e seus feitos. Isso demonstra dois lados de uma mesma moeda, por um lado, Raimundo invade a privacidade pessoal de seus alunos, mas por outro cria um ambiente de proximidade e descontração interessante de ser observado numa sala de aula e num programa humorístico.

No que se trata da tipologia física do personagem, o Professor foge da regra do absurdo e do escandaloso que a maioria dos outros atores ali presentes escolhem como linha para suas criações. Raimundo usa um jaleco simples de professor com o logo tipo da Escola, cabelos que conversam com a idade pretendida – Raimundo é idoso -, e além disso ainda possui certo ar de cansaço e abatimento.

Outra marca registrada do personagem de Anysio é sem duvidas o bordão “E o salário ó”. Esta talvez seja a maior denuncia social feita por Chico no programa que aqui estamos tratando, se não a maior, talvez seja a mais clara. Ele fala claramente sobre a realidade de salário dos professores brasileiros mediante ao que eles tem que aguentar diariamente nas salas de aula do país.

Raimundo não reclama com os alunos nunca sobre o salário, não muda de postura, não deixa de fazer sua parte. Sua reclamação é sempre direcionada à câmera, como quem olha diretamente para o publico e pede cumplicidade, pede apoio, pede compreensão. Talvez o Professor Raimundo seja o personagem mais querido pelo povo porque é dele tão próximo. Raimundo sofre, é trabalhador, precisa aguentar porque ali vive sua vida e é tão humano quanto qualquer telespectador que esteja assistindo. Sobre o regente das aulas nesta Escolinha da vida, Chico diz:

“O professor Raimundo é uma pessoa. Ele é independente de mim. Eu faço há 41 anos o professor Raimundo. Eu acho ele muito bom, gosto muito dele. Na Escolinha eu sou escada de todos ali, faço a preparação para que eles façam a graça. As pessoas gostam do professor Raimundo porque ele é que nem elas, ele existe, ele vive. Raimundo poderia ser você, poderia ser sua vizinha, o jornaleiro. Todo mundo vive dias de Professor Raimundo”. (ANYSIO, 1993.)

5. Considerações Finais

As cenas escolhidas englobam três tipos diferentes de estereótipos sociais brasileiros para evidenciar o uso do humor como retrato da realidade. Cada uma tem em si objetos, meios e artimanhas não tão facilmente observáveis à primeira vista que criam a caricatura dessas pessoas. Em si, cada personagem possui uma enorme gama de pessoas que ele representa. Há o menino favelado, o revolucionário socialmente engajado, o malandro esperto que visa tirar vantagem a todo custo, o rapaz que sabe tudo e se destaca e o professor que media as conversas e perguntas.

Na composição dos personagens, os nomes, sobrenomes, apelidos e codinomes possuíam sentido essencial e dissecado a nível auto explicativo perante a persona de cada um. Da mesma forma temos os bordões, para servirem de base aos sentidos e aos tipos, as denúncias e as bandeiras de cada uma dos personagens citados. Serviram como uma legenda das personalidades.

Perante ao direcionamento desta pesquisa em contraponto com a real presença dos tipos relacionados nas cenas e na interpretação dos atores nas mesmas, podemos entender finalmente o riso como um mecanismo social. Mesmo que muitas vezes de forma não percebida ele seja um fato humilhante para que o profere, o ato de rir faz parte do espetáculo de observar personagens que poderiam ser reais vivenciando situações diversas e absurdas. Talvez o prazer despreendido da risada se choque com a intenção inconfessada de humilhar para que haja a comicidade e assim observar de forma a corrigir um ato ou erro absurdo ou não cometer aquilo que assistimos ali sendo interpretado. Esta então revelada a razão pela qual a comédia se aproxima muito mais da vida real do que o drama, por exemplo. Nas palavras de Bergson:

“A comicidade é aquele aspecto da pessoa pelo qual ela parece uma coisa, esse aspecto dos acontecimentos humanos que imita, por sua rigidez de um tipo particular, o mecanismo puro e simples, o automatismo, enfim, o movimento sem a vida. Exprime, pois, uma imperfeição individual ou coletiva que exige imediata correção. O riso é essa própria correção. O riso é certo gesto social, que resalta e reprime certo desvio especial dos homens e dos acontecimentos”. (BERGSON, 1983, p.50)

Em sua tentativa direta de conversa com o povo, Chico Anysio visa atingir com a Escolinha as classes “C”, “D” e “E” além das classes dominantes, é claro. A Escolinha presta um serviço ao Brasil na medida em que une divertimento à transmissão de conhecimento e possibilita mesmo que de forma inconsciente certa qualidade de reflexão. Alias, o fato de a Escolinha transmitir conhecimento é algo que diferencia o humorístico de qualquer outro programa feito na época e talvez essa junção com as facetas do humor e sua graça sejam a receita que resultou num sucesso longo e absoluto durante sua existência na televisão.

Ficou a cargo do programa e da emissora levar ao ar e aos lares de milhões de brasileiros o mais poderoso e abrangente professor eletrônico que já existiu. Raimundo ensinou matérias que talvez nunca aprendamos em escolas convencionais. A pluralidade de significantes e de emoções trazidas pelo humor torna o ambiente escolar mais convidativo e acolhedor no que se trata da Escolinha.

A Escolinha do Professor Raimundo talvez deixe mais do que possamos entender como legado ao povo brasileiro e aos estudantes e fascinados pelo humor que dela procurarem saber. O universo da diversão aliado à preciosidade do saber é talvez a maneira mais gratificante e bem humorada de aprender qualquer coisa que seja. Fica então a certeza de que a Escolinha formou mais que alunos com conteúdo pedagógico e técnico, mas sim gerações de pessoas e humoristas transformados por meio do riso. Sim Chico, obrigado, o seu humor cumpriu a obrigação primeira do humorista, que é, segundo o próprio não consertar algo, mas denunciar tudo. O tema musical da escolinha retrata de forma literal e em poesia na sua letra a intenção dos criadores e executadores do programa:

É na escola que a gente aprende,
a contar, a criar e a crescer,
É na escola que nasce o desejo,
de pensar, de tudo saber,

É na escola que tudo começa,
lá se aprende a viver,
Na escola que a gente entende,
o sentido de ser,

É na escola que nasce a amizade,
na escola se aprende o valor,
De um amigo, de um companheiro,
na paixão, na saudade, no amor,

Vamos à escola, toda hora é hora,
Vamos à escola, lá se aprende a viver

Referências Bibliográficas

ANYSIO, Chico. **Sou Francisco**. Rio de Janeiro: ROCCO, 1992.

BARBA, Eugenio; SAVARESE, Nicola. **A Arte Secreta do Ator**. São Paulo: HUCITEC, 1995.

BERGSON, Henri. **O Riso: Ensaio Sobre a Significação do Cômico**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

DUVIGNAUD, Jean. **Sociologia do Comediante**. Rio de Janeiro: ZAHAR EDITORES, 1972.

FROMM, Erich. **A Linguagem Esquecida**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: ZAHAR EDITORES 1966.

KANGUSSU, Imaculada; PIMENTA, Olimpio; SÜSSEKIND, Pedro; FREITAS, Romero. **O Cômico e o Trágico**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

KHOURY, Simon. **Bastidores**. Série Teatro brasileiro, v. 6. Tônia Carrero, Chico Anysio, Ruth de Souza, Armando Bogus. Rio de Janeiro: Letras & Expressões, 2002.

RAMOS, Roberto. **A ideologia da Escolinha do Professor Raimundo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

RIBEIRO, Sérgio Costa. **A Escola brasileira do professor Raimundo**. Campinas: Papirus, 1992.

Dicionário Michaelis

Outras Referências

ANYSIO, Chico. 2011 “**O que vi da vida**”. entrevista concedida ao programa Fantástico da Rede Globo de Televisão. Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/quadros/o-que-vi-da-vida/noticia/2011/08/chico-anysio-quer-renovar-meu-contrato-por-mais-20-anos.html>> Acesso em 18/10/2015

ANYSIO, Chico. 2005 “**Programa Ensaio**”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=87fQbBCoCnw>> Entrevista concedida ao programa Ensaio da TV Cultura. Acesso em: 25/11/2015

ANYSIO, Chico. 1993. “**Programa Roda Viva**”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L42dwVjFn3U>> Entrevista concedida ao programa Roda Viva da TV Cultura em 21/06/1993. Acesso em 30/11/2015.

ANYSIO, Chico. 2008. “**Programa 3 a 1**”. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=29cJUzNgSfl>> Entrevista ao programa 3 a 1 da TV Brasil em 08/10/2008. Acesso em 28/11/2015.

Dicionário Michaelis. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>> Acesso em 26/01/2016.

BUFARAH, Álvaro. “**Chico Anysio: um radialista polivalente**” Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/Chico%20Anysio.pdf>> artigo do VII Encontro Nacional de História da Mídia. Fortaleza, 2009. Acesso em 17/10/2015